

2300

# ECLOGA PASTORIL

DE

ARMINDO,

E

LUZINDA:

POR

MANOEL RODRIGUES

MAIA,

*Bacharel em Philozophia pela Universidade  
de Coimbra.*



LISBOA,

Na Officina de FRANCISCO SABINO DOS SANTOS

M. DCC. LXXIII.

---

*Com licença da Real Mesa Censoria.*

ECLOGA  
 PASTORIL  
 DE  
 ARMINDO,  
 E  
 LUZINDA.

I.  
**N**uma tarde de Agosto a mais ardente,  
 Quando Phebo dos montes despedido,  
 De Neptuno no Reino transparente  
 O descanço buscava appetecido ;  
 E já quando os Pastores mançamente  
 Os gados nos currais tinhaõ mettido ;  
 E quando cuidadoza lá na Aldèa  
 A Serrana fazia ao lume a cèa.

## II.

Quando já toda a plebe dos cajados ,  
 Cuidadoza buscava nas choupanas  
 Descanço para os membros fatigados ,  
 Ou allivios á vista das Serranas ; (dos,  
 Quando os doces Orpheos, gloria dos pra-  
 Os seus ninhos buscavaó entre as canas ,  
 Esperando raiasse a roxa aurora  
 Para a falva lhe darem mais sonora.

## III.

Entaó fó entre as brenhas de huma matta  
 Suspirando se achava o triste Armindo ,  
 De Luzinda os desdens , Pastora ingrata ,  
 Dentro da alma choroço alli sentindo ;  
 Aquella , que algum dia lhe foi grata ;  
 Mas agora , o passado desmentindo ,  
 Desdenhoza o deixou ; cauza bastante  
 Para a pena cauzar mais penetrante.

## IV.

Pastor era nos campos conhecido ,  
 Naó por muitas Seáras , ou por gado ;  
 Mas por fer de sciencia enriquecido ,  
 E nas artes da cassa bem prendado :  
 Mui discreto , cortez , agradecido ,  
 E por isso de todos respeitado ;  
 Pois naó deixa tambẽ de , entre os Pastores,  
 Receber quem merece seus louvores.

## V.

Tinha visto hũa fésta estar Luzinda ,  
 Entre as outras Serranas , taõ formoza ,  
 Que excedendo o carmin do cravo , ainda  
 Na candura excedia á branca Roza :  
 Engraçada , rizonha , urbana , linda ,  
 Finalmente , a mais bella , e mais airoza ;  
 Pois naõ deixa de haver , entre Aldeans ,  
 Quem nas prendas iguale ás Cortezans.

## VI.

Agradou-se do gésto da Pastora ,  
 Et tanto , que ficou logo rendido  
 Ao poder de essa chãma roubadora ,  
 Com que as almas abraza o Deos Cupido ;  
 Sem allivio lograr hũa só hora ,  
 Andava quazi sempre amortecido ;  
 Porque tanto de vê-la se alentava ,  
 Quanto estando auzente desmaiava.

## VII.

Excessivo o disvélo da Pastora  
 Alcançou com porfia de finezas ;  
 Pois todo , que excessivo , e fino adora ,  
 Quanto intenta confegue das bellezas ;  
 Conseguiu ser amado ; mas agora  
 Os desprezos lamenta , e as cruezas  
 Com que féra o despreza , com que o mata  
 A perjura mudança de hũa ingrata.

Padecendo o rigor de tanta pena ,  
 Considerando o quilate de tal magoa ,  
 A delicia do campo deixa amena ,  
 A montanha procura em tanta fragoa :  
 Já de tudo se esquece , e só ordena  
 Seus olhos suffocar com rios de agoa ;  
 Buscando companhia á seu lamento  
 Nos troncos de hũa matta , pedras , vento .

## IX.

Encostado n'um tronco , sem que tenha  
 Mais , que a sua Pastora nos sentidos ;  
 Os olhos tendo fixos n'uma penha ,  
 Do continuo chorar humedecidos :  
 Escutando se sente pela brenha  
 Quem possa dar final de seus gemidos ;  
 Afflicto , suas queixas principia ,  
 E , segundo parece , assim dizia .

## X.

Desgraçado Pastor , ( oh sorte avara ! )  
 Infeliz mais , que todos da campina ,  
 Que padeces por ter a fé mais rara  
 A quem só te despreza , e te abomina !  
 Melhor quanto te fora , que acabára  
 Com a vida a paixãõ , que te domina ,  
 Do que estares agora desta sorte  
 Do desprezo sentindo o rigor forte !

Ah , ingrata Pastora , ( continúa )  
 Aleivoza , tirãna , fêra , impia ,  
 Mais mudavel , do que he a propria Lua ,  
 Mais perjura , do que he a aleivozia !  
 Quem he que te obrigou , dize-me , crúa ,  
 A mostrares-me agrados algum dia ,  
 Se guardavas no peito para agora  
 O tempo de ser falsa , e ser traidora ?

## XII.

Se quando te offreci , não accitãras  
 A fineza , a ternura , o rendimento ;  
 Póde ser , que tambem hoje evitãras  
 Tanta dor a meu peito , e sentimento !  
 Se , quando te fallei , me declarãras ,  
 Que intentavas com Silyio casamento ;  
 Nem eu hoje por ti , tanto penãra ;  
 Nem de ti , com razãõ eu me queixãra !

## XIII.

Se por gosto me deixas , considêra ,  
 Que , por gosto tambem , já n'algum dia  
 Finezas me rendeste , se não era  
 Engano disfarçado , e aleivozia !  
 Mas que digo ! Oh rochedos , quem podêra  
 Entre as ancias morrer desta agonia ;  
 Pois talvez que , morrendo , eu explicãra  
 Melhor de que essa morte se cauzãra !

Já me faltaõ as vozes , fado impío !

Já não posso queixar-me , oh sórte dura !

Que , assim como nas glorias dais desvio ,

Nas penas augmentais a desventura !

Já que a boca não póde , de vós fio ,

Olhos meus , que mostreis a ancia pura ,

Com que ternos sentís ( a poder de agoas )

Minhas penas crueis , e minhas magoas.

## XV.

De queixar-se acabou o triste Armindo ,

Por ultimo lançando hum ai piedozo ;

Foi-lhe a barba no peito descahindo ,

Espectaculo a todos lastimozo :

Pelos olhos , dous rios despedindo ,

Hum incendio lançava copiozo ,

Pois se he filho do fogo o Deos de amores ,

Incendios pódem fer os seus licores ,

## XVI.

No rigor do lethargo semivivo ,

Se entregava de todo ao sentimento ;

Buscando desta sórte lenitivo

Nas penas , onde os mais achaõ tormento :

E tanto se despio do sensitivo ,

Que só o parecia no lamento ,

E , visto cá dálèm naquelle estado ,

Hum tronco parecia destroncado.

## XVII.

Acazo foi buscar de madrugada  
Pela matta Silvando alguns cordeiros ,  
Que se tinhaõ perdido da manada ,  
Sem os terem sentido os Pegureiros :  
Quando ouvio , adonde he mais intrincada ,  
Committer furiozos seus rafeiros ;  
Acudio-lhe , julgando què era o gado ;  
Porèm deo com Armindo desgraçado.

XVIII.

Que he isto , Pastor meu ? Que he isto , amigo ?  
Que te obriga ( lhe disse ) da espessura  
Entre a brenha a ficar , sem mais abrigo ?  
Relata , Armindo meu. Que desventura !  
Naõ respondes , Pastor ? Ouve o que digo.  
Naõ fallas ? Mas que he isto ! Oh sorte dura !  
Insensivel estás , ou estás dormindo ?  
Ai ! Naõ durmo : lhe disse ; e foi cahindo.

XIX.

Relata quem te trouxe a tal estado ;  
Lança fóra , e desterra de teu peito  
Essa magoa , essa dor , esse cuidado ,  
Que , crueis , te cauzáraõ tal effeito :  
Toma alento , que tens junto a teu lado  
De Silvando Pastor o amor perfeito ,  
Que , por verte dos males livre , e izento ,  
Dezejára sentir o teu tormento.



Se a penuria de gado te amofina ,  
 Eu daqui já te offrêço o meu rebanho ;  
 Vem cômigo , desçamos á campina ,  
 Deixarás de sentir hum mal tamanho :  
 E se acazo essa dor , que te domina ,  
 He por não produzir o teu amanho ,  
 O celleiro te entrego , bem provido ,  
 Faze conta , que he teu , sendo servido.

## XXI.

Naõ , Silvando , não he necessidade ,  
 Quem me poem neste estado deploravel ;  
 Antes sim de hũa ingrata a falsidade ,  
 Que tirãna me mata em ser mudavel :  
 Do rebanho não he a pouquidade ,  
 A que , amigo , me faz inconsolavel ;  
 Porèm sim o saber que a outro adora  
 A Pastora , que amei firme até agora.

## XXII.

Quiz meu fado cruel , ou minha estrella ,  
 Que visse n'uma fésta , meu Silvando ,  
 Luzinda , das Pastoras a mais bella ,  
 Com as outras Serranas conversando :  
 Meus olhos se agradáraõ tanto della ,  
 Que entaõ logo ficáraõ dezejando  
 De vista não perdêla hũa só hora ,  
 Dezejo , que acompanha a quem adora.

Busquei occasião para explicar-lhe  
O extremo de amor, com que a adorava ;  
Deparou-ma a ventura ; fui fallar-lhe  
No Serrado, que junto á fonte estava :  
Escutou-me benigna, e agradar-lhe,  
Na resposta, que deo, mui bem mostrava ;  
Porque, quando no fim se despedia,  
Me disse, que de Armindo só seria.

XXIV.

Pedí-lhe, do que disse, segurança ;  
E jurou, que seu gado não medrasse,  
Se algum dia Luzinda, na mudança,  
O que dito me tinha, desnegasse :  
Que a fonte (q̃ ainda o tenho na lembrança!)  
Com sua agoa perenne lhe faltasse,  
Se algum dia tivesse, entre os Pastores,  
Mais q̃ Armindo Pastor, por seus amores.

XXV.

Quem cuidára, Silvando, que traidora  
Luzinda, tal dizendo, me seria ?  
Quem, ouvindo jurar isto á Pastora,  
Differa, que a ser falsa chegaria ?  
Quem, se entao a escutasse, ouvisse agora  
Meus suspiros, meus ais, minha agonia,  
Julgara, que esta dor, que estes gemidos  
De sua falsidade erao nascidos ?

Deixou-me (oh dor!) sem medo, q̃ o seu gado  
 Os effeitos da jura exprimentasse;  
 Sem medo me deixou, que o Ceo irado  
 Algum dia na fonte a castigasse:  
 Com ella tem-se o Ceo sempre mostrado,  
 Como se os juramentos não violasse;  
 Cômigo se mostra ella com rigores,  
 Quando só lhe mereço mil favores.

## XXVII.

Dirigî os meus passos á choupana  
 Hum dia para vêla, antes não fora!  
 Cá de longe a avistei; mas da cabana  
 A porta me fexou, e foi-se embora:  
 Seguî pelas pégadas da tirãna  
 O caminho, que vai por alli fóra  
 Em direito ao Serrado, que algum dia  
 Para mim foi theatro de alegria.

## XXVIII.

A' sombra de hum salgueiro descansando  
 A Luzinda vi estar, toda contente,  
 Seus dourados cabellos enfeitando  
 Com flores, que apanhára diligente:  
 Entrei para o Serrado; porèm, quando  
 Ao pé de si me vio taõ de repente,  
 Com semblante me disse de enfadada,  
 Se procuras Luzinda? Está mudada.

Pois , Pastora , que estranha novidade  
 Motiva ( lhe tornei ) tal desventura ?  
 Eu deixei de guardar-te lealdade ?  
 Fui-te ingrato algum dia por ventura ?  
 Argumentos não quero ; essa amizade ,  
 ( Me tornou ) que tivemos foi loucura :  
 Vê se tens quem te adore , que eu venero  
 A Silvio , que me agrada , a ti não quero.

## XXX.

Confesso , que algum tempo , de obrigada ,  
 Carinho te mostrei , attencioza ;  
 Mas affirmo , Pastor , nunca ateada  
 Em meu peito senti chãma amorosa :  
 Tu és mui pobre ; Silvio tem manada ;  
 Tem pomar , e tem vinha grandioza ;  
 Tem prendas ; finalmente he de meu gosto ;  
 Nelle amante só tenho o affecto posto.

## XXXI.

Repara , lhe disse eu , que essa desculpa  
 Izenta te não faz da tirãnia ;  
 Que sou pobre bem fei ; mas isso he culpa ?  
 Sendo rico tambem te adoraria :  
 E , se a minha pobreza te desculpa  
 Da grande falsidade , e rebeldia ,  
 Declaras na desculpa , que proferes ,  
 Que nem amas a Silvio , nem o queres.

## XXXII.

Naó por flauta tocar he , que te agrada ;  
 Naó por fer mais velóz , que eu na carreira ;  
 Seu rebanho te traz enamorada ;  
 Naó as prendas , Luzinda , a sementeira :  
 Essa especie de amor , por ti uzada ,  
 Verifica , que adoras intrêsseira ;  
 E , quem quer , ou adora com intrêsse ,  
 O nome mais infame ter merece.

## XXXIII.

Acazo n'algum dia do teu gado  
 Receei de tratar , mui cuidadozo ;  
 Quer o tempo visse eu dezabrigado ,  
 Quer o dia estivesse o mais chuyozo ?  
 Quantas vezes passei o rio a nado ,  
 Sem que nunca mostrasse ser medrozõ ;  
 Sómente , porq̃ em quanto eu fosse á ponte ,  
 Naó tardasse a fallar-te junto á fonte ?

## XXXIV.

Quantas vezes aquella cordeirinha ,  
 Que eu via mais que as outras te agradava ,  
 Por ser a mais bem feita , e malhadinha ,  
 Quando a neve chovia agazalhava ?  
 Quantas vezes , Pastora , a tenra ervinha  
 Ou no monte , ou no campo lhe apanhava ,  
 Só por ver que , tratando-a diligente ,  
 Mais alegre te via , e mais contente ?

## XXXV.

Que rôla , que perdiz , ou que estorninho  
Apanhei na manhaã a mais nevada ,  
Que não fosse levar-te , meu bemzinho ,  
Como feudo devido á prenda amada ?  
Houve lebre , coelho , ou laparinho ,  
Que podesse caçar de madrugada ,  
Que eu , contente , não fosse a offerecer-te ,  
Não só pelos levar , mas sim por ver-te ?

XXXVI.

Que pera temporãa deo a pereira ,  
Que eu logo para darte não guardasse ?  
Que pomo se fez rubro na maceira ,  
Que eu logo para ti não apanhasse ?  
Houve figos , acazo , na figueira ,  
Sem que mui cuidadozo tos levasse ?  
Deo flores a campina , o monte , o prado ,  
Que não fossem a ornar o teu toucado ?

XXXVII.

Tu podes duvidar , que o referido  
Para abonos de amor goza certeza ?  
Ou podes duvidar , que eu tenho sido  
Singular mais , que todos na firmeza ?  
A's vezes me aggravavas ; mas sentido  
Nunca pude mostrarme , que a belleza ,  
Que em teu rosto reluz , he attractivo ,  
Que dos peitos desterra o vingativo .

XXXVIII.

Acaba já , Pastor , ( tornou Luzinda )  
A longa relação dessa fineza ;  
Não julgues me enterneces ; antes ainda  
Com isso encontrarás maior dureza :  
Teus queixumes , Pastor , de todo finda ,  
Fui-te ingrata , bem sei ; se isto he fereza ;  
Assim Silvio me quer , já não sou tua ,  
Vai buscar quem te queira , que eu sou sua.

XXXIX.

Auzenta-te , Pastor , deixa-me agora  
Meus amores gozar alegremente ;  
Não tens que te cançar ; porque jágora  
A Silvio adorarei eternamente :  
Não me irrites já mais , e sem demora  
De meus olhos te aparta , impertinente ,  
Vai-te ; deixa-me já ; deixa-me Armindo ;  
E , se tu te não vás , eu vou partindo.

XL.

Quiz com vozes detê-la , meu Silvando ;  
Porém ella fugindo de carreira ,  
Por mais me não ouvir , hia tapando  
Com as mãos os ouvidos na ladeira :  
Com os olhos a seguê , sempre exclamando  
Contra ella , contra mim , contra a cegueira ,  
Que tendo tão patente o dezengano ,  
O não crê embebida em seu engano.

## XLI.

E , já quando de todo se escondia  
 A meus olhos por traz de hum alto outeiro,  
 Hum suspiro quiz dar , por ver se ouvia  
 A tirãna o meu écco derradeiro :  
 Mas não pude , por ser tanta a agonia ,  
 Que meu peito cercava , que o carreiro ,  
 Por onde havia de ir para a campina  
 Não via. Mas hum cego nada atina !

## XLII.

E , vendo-me eu assim naquelle estado  
 Com magoa , afflicção , e sentimento ,  
 Esta matta busquei , onde embrenhado  
 Minha vida acabasse em meu tormento :  
 Aqui , já sem de nada ter cuidado ,  
 De dores , e suspiros me alimento ;  
 Querendo por allivio á triste sorte  
 Suspiros , afflicções , a dor , e morte.

## XLIII.

E já que a relação de minhas dores  
 Compassivo escutaste , meu Silvando ,  
 Te supplico , que , quando á Aldêa fores ,  
 Não digas a ninguem , que eu aqui ando :  
 E se , acazo algum dia , entre os Pastores ,  
 Se perguntar por este miserando ,  
 Te supplico não digas , que me viste  
 Meus pezares sentindo afflicto , e triste.

## XLIV.



## XLIV.

Basta , pois , que de Armindo o entendimento  
 ( Diz Silvando ) a paixão tanto domina ,  
 Que chega a publicar , que tem tormento  
 Por Luzinda o deixar ? Triste mofoina !  
 Ah , não queiras , Pastor , no teu intento  
 Já mais perseverar ; desce á campina ;  
 Anda alegre fazer a nossa Aldêa ,  
 Que está toda por ti de pezar chêa !

## XLV.

Luzinda , Armindo men , vive contente ,  
 Gavando-se , que estás muito sentido  
 Por ella te deixar ; diz que não sente  
 Pena nenhuma de te haver perdido :  
 E tu queres portarte tão demente ,  
 Sendo sempre até aqui tão entendido ;  
 Que vivas entre as fêras desterrado ,  
 Só por veres , que isso he do seu agrado ?

## XLVI.

Mais Pastoras não ha , do que Luzinda ?  
 Nella só se ajuntou a formozura ?  
 Não ha Brazia , Marcella , e mais Lorinda ?  
 He mais rica do que ellas ? He mais pura ?  
 He acazo mais sábia , ou he mais linda ?  
 Ella só as excede em ser perjura :  
 Assim peço-te , amigo , assim te rogo ,  
 Que os incendios apagues desse fogo .

## XLVII.

Ella , obrando comtigo hũa vileza ,  
 O horror destes campos fica sendo ,  
 E tu queres ficar c'uma fineza  
 O ser ludibriado merecendo ?  
 A ella de perder-te nada pêza ,  
 Tu entaõ por perdê-la estás morrendo ?  
 Reflecte, Armino meu, q'isso he demencia;  
 Como amigo te fallo ; tem paciencia.

## XLVIII.

Ah Silvando ! ( Responde ) ah meu Silvando ,  
 Já não finto perder a companhia  
 Dos Pastores , que doce me foi , quando  
 Do desprezo os effeitos não sentia !  
 Já não quero se não morrer penando !  
 Já não quero viver com alegria !  
 Das Pastoras , que dizes , nada quero ;  
 Só intento morrer por quem venero.

## XLIX.

E se acazo passares pela choffa ,  
 Que algum dia por mim foi habitada ;  
 A porta abre ; entra dentro ; em fim te apossa  
 De tudo , quanto a achares povoada :  
 De tudo , quanto der a minha roffa ,  
 Senhorio te faço ; sem que nada  
 Mais pertenda do mundo hum desgraçado ,  
 Que o destino seguir do triste fado.

Disse ; e todo da pena dominado  
Pela matta fugio , ( dando hum suspiro )  
Qual cervo dos podengos fatigado ,  
Que procura velóz algum retiro.  
Os seus passos seguio muito apressado  
Silvando , pelas brenhas dando hum giro ;  
Mas de balde foi todo o seu disvélo ;  
Pois não pode já mais tornar a vélo.

F I M.